

A escola como espaço de enfrentamento ao racismo: experiência de intervenção à luz da
Lei 10.639/2003

The school as a space for confronting racism: an intervention experience considering
Law 10.639/2003

La escuela como espacio de enfrentamiento al racismo: una experiencia de intervención
a la luz de la Ley 10.639/2003

Ensino & Humanidades

CARVALHO, Cristiane Raquel Souza de

Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Universidade Estadual do Maranhão-UEMA

chriscarvalhoraquel@gmail.com // <https://orcid.org/0009-0002-4582-3687>

COSTA, Sanmya Nábya Santana

Universidade Estadual do Maranhão-UEMA

sanmyac@gmail.com // <https://orcid.org/0009-0003-8417-0583>

Resumo:

O estudo apresenta um relato de experiência referente a um projeto de intervenção realizado no segundo semestre de 2025, por acadêmicas do curso de Licenciatura em História, no Centro de Ensino Dr. Paulo Ramos, em Chapadinha-MA. A pesquisa, de natureza qualitativa, bibliográfica e de campo, teve caráter interventivo, fundamentando-se em referenciais teóricos da educação antirracista e em documentos oficiais. O relato de experiência tem por objetivo analisar a aplicação da intervenção pedagógica e discutir suas contribuições para a promoção de práticas antirracistas no contexto escolar. A intervenção consistiu na realização de um ciclo de debate, inspirado em abordagens dialógicas, e na organização e distribuição de uma Cartilha Antirracista como material de apoio didático. As atividades promoveram a reflexão crítica sobre racismo estrutural, identidade negra, representatividade e legislação pertinente, estimulando a participação ativa dos estudantes e a articulação entre passado e presente na construção da consciência histórica. Os resultados indicaram elevado engajamento discente, compartilhamento de experiências e ampliação da conscientização sobre questões étnico-raciais. Contudo, evidenciaram-se limitações relacionadas ao tempo reduzido e à necessidade de ações pedagógicas permanentes e articuladas. Conclui-se que a construção de uma educação antirracista demanda compromisso institucional contínuo, práticas educativas sistemáticas, valorização da diversidade e enfrentamento ao racismo. Esse relato se fundamenta teoricamente e metodologicamente nas/os seguintes autoras/es: Almeida (2019), Cavaleiro (2025), Carneiro (2023), Rüsen (2015), Santos (2018) e Silva (2023), entre outras/os.

Palavras-chave: Educação antirracista, Educação para as relações étnico-raciais, intervenção pedagógica”.

Abstract:

This study presents an experience report regarding an intervention project carried out in the second semester of 2025 by undergraduate students in History at the Dr. Paulo Ramos Teaching Center in Chapadinha, Maranhão. The research, qualitative, bibliographic, and field-based in nature, was interventional, grounded in theoretical frameworks of anti-racist education and official documents. The experience report aims to analyze the application of the pedagogical intervention and discuss its contributions to the promotion of anti-racist practices in the school context. The intervention consisted of a series of debates, inspired by dialogical approaches, and the organization and distribution of an Anti-Racist Booklet as didactic support material. The activities promoted critical reflection on structural racism, Black identity, representation, and relevant legislation, stimulating the active participation of students and the articulation between past and present in the construction of historical consciousness. The results indicated high student engagement, sharing of experiences, and increased awareness of ethnic-racial issues. However, limitations related to the reduced time and the need for permanent and coordinated pedagogical actions were evident. It is concluded that the construction of an anti-racist education demands continuous institutional commitment, systematic educational practices, valuing diversity, and confronting racism. This report is theoretically and methodologically grounded in the following authors: Almeida (2019), Cavaleiro (2025), Carneiro (2023), Rüsen (2015), Santos (2018), and Silva (2023), among others.

Keywords: Anti-racist education; Education for ethnic-racial relations; pedagogical intervention.

Resumen:

Este estudio presenta un relato de experiencia sobre un proyecto de intervención realizado en el segundo semestre de 2025 por estudiantes de Historia del Centro de Enseñanza Dr. Paulo Ramos en Chapadinha, Maranhão. La investigación, cualitativa, bibliográfica y de campo, fue intervencionista y se basó en marcos teóricos de educación antirracista y documentos oficiales. El relato de experiencia busca analizar la aplicación de la intervención pedagógica y discutir sus contribuciones a la promoción de prácticas antirracistas en el contexto escolar. La intervención consistió en una serie de debates, inspirados en enfoques dialógicos, y la organización y distribución de un Cuaderno Antirracista como material de apoyo didáctico. Las actividades promovieron la reflexión crítica sobre el racismo estructural, la identidad negra, la representación y la legislación relevante, estimulando la participación activa de los estudiantes y la articulación entre el pasado y el presente en la construcción de la conciencia histórica. Los resultados indicaron un alto nivel de participación estudiantil, intercambio de experiencias y una mayor conciencia sobre las cuestiones étnico-raciales. Sin embargo, se evidenciaron limitaciones relacionadas con la reducción del tiempo y la necesidad de acciones pedagógicas permanentes y coordinadas. Se concluye que la construcción de una educación antirracista exige un compromiso institucional continuo, prácticas educativas sistemáticas, la valoración de la diversidad y el enfrentamiento al racismo. Este informe se fundamenta teórica y metodológicamente en los siguientes autores: Almeida (2019), Cavaleiro (2025), Carneiro (2023), Rüsen (2015), Santos (2018) y Silva (2023), entre otros.

Palabras claves: Educación antirracista; Educación para las relaciones étnico-raciales; Intervención pedagógica.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a sociedade construiu representações estigmatizadas da população negra, associando-a a características pejorativas, inferioridade, indisciplina e marginalidade. Paralelamente, suas contribuições para a formação e desenvolvimento do país foram sistematicamente silenciadas, restringindo-a a uma visão reducionista, frequentemente vinculada ao trabalho escravo. Tal invisibilização resultou na construção de narrativas hegemônicas que reforçam desigualdades e sustentam práticas discriminatórias ao longo do tempo.

Considerando que a História do Brasil é tradicionalmente narrada sob a ótica dos grupos dominantes, a inclusão obrigatória do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo constitui importante instrumento de transformação social. Ao desempenhar papel central na constituição da memória coletiva e na formação identitária dos sujeitos, a escola torna-se espaço relevante para a desconstrução de estereótipos e valorização das contribuições africanas e afro-brasileiras nos âmbitos social, cultural, político e econômico.

Compreender o racismo, enquanto parte estruturante da sociedade, implica dizer que, embora os indivíduos reproduzam o racismo, é importante que fique claro que o racismo é um processo histórico e político, que cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (Almeida, 2019, p. 51).

No contexto educacional, o racismo manifesta-se tanto na ausência de representatividade nos materiais didáticos quanto na insuficiência de ações pedagógicas contínuas, juntamente com as dificuldades institucionais no confronto de casos de discriminação. Tais elementos impactam a formação da identidade e da autoestima dos estudantes, evidenciando a necessidade de práticas educativas comprometidas com a valorização da diversidade étnico-racial. Diante do exposto, torna-se pertinente a seguinte questão: Como uma intervenção pedagógica baseada em ciclo de debate e uso de cartilha antirracista pode contribuir para a conscientização crítica de estudantes da Educação Básica acerca das manifestações do racismo estrutural no cotidiano escolar?

A realidade educacional aponta para a importância de intervenções sistemáticas que promovam reflexão crítica e fortalecimento de uma cultura escolar antirracista. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta as vivências de duas acadêmicas do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Maranhão, na execução de um projeto de intervenção realizado no segundo semestre de 2025, como parte da disciplina Prática Curricular na Dimensão Educacional, que teve como docente o Me. Leonardo Chaves. A ação ocorreu no Centro de Ensino Dr. Paulo Ramos, escola da rede pública estadual do município de Chapadinha–MA.

Figura 1: Centro de Ensino Dr. Paulo Ramos



Fonte das autoras

O relato de experiência tem por objetivo analisar a aplicação da intervenção pedagógica e discutir suas contribuições para a promoção de ações antirracistas no contexto escolar. A proposta, desenvolvida sob perspectiva interdisciplinar e abordagem decolonial, debateu a História e Cultura Afro-Brasileira para além da narrativa restrita à escravização, evidenciando aspectos de resistência, identidade, cultura e protagonismo negro. A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se no diálogo com autores que problematizam as relações étnico-raciais e o racismo no contexto educacional, dentre os quais se destacam Almeida (2019), Cavaleiro (2025), Santos (2018) e Carneiro (2023). Além disso, documentos normativos que orientam a educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

A construção da identidade do estudante, da autoestima e da aceitação de suas raízes, parte conjuntamente das relações, interações sociais e ações promovidas no ambiente escolar. Portanto,

a escola tem papel crucial nesses desdobramentos, com suas práticas educativas, principalmente na intervenção de atos racistas.

Assim, na sociedade em geral, discriminações praticadas com base em diferenças ficam ocultas sob o manto de uma igualdade que não se efetiva, empurrando para uma zona de sombra a vivência do sofrimento e da exclusão. Essas influências marcaram profundamente a história da escola no Brasil, consolidando mentalidades e atitudes das quais frequentemente o educador não se dá conta em seu cotidiano. Encontram-se manifestações discriminatórias entre alunos, educadores e funcionários administrativos (Santos, 2018, p.33).

Assim, o ambiente escolar é considerado por muitos estudiosos como um espaço transformador, mas não podemos negar que é também um espaço de conflitos. Desse modo, exige ações que levem os alunos às reflexões sobre a sociedade a qual pertencem, esses debates proporcionam a formação de alunos conscientes do processo colonizador que sustentou o país por meio do trabalho escravo.

Como um elemento estruturante da realidade brasileira, o racismo não poderia deixar de ter um forte impacto na estruturação do cotidiano escolar. Na escola uma das principais formas de perpetuação do racismo é a negação da sua existência a partir de uma visão ingênua de que a escola estaria de alguma forma imune às contradições presentes na realidade brasileira. Assim seria como se ao adentrar os portões da escola estaríamos entrando em um universo paralelo em que a realidade do país não mais se aplicaria. Obviamente isto não acontece, pois não apenas a escola não se distancia da realidade social como os próprios agentes que nela atuam também estão inseridos na dinâmica social brasileira (Silva, 2023, p. 6).

Assim, ao reconhecer o racismo como elemento estruturante da realidade brasileira, compreende-se que suas manifestações no cotidiano escolar demandam medidas imediatas de prevenção e combate, bem como a promoção do letramento racial e a adoção de pedagogia antirracista. A intervenção aqui relatada insere-se nesse movimento, considerando a escola como espaço estratégico para o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas que promovam reflexão, diálogo e valorização da identidade negra. Experiências interventivas nesse contexto podem contribuir tanto para o aprofundamento do debate quanto para a formação crítica dos

estudantes, especialmente no Ensino Médio, etapa marcada pela consolidação de identidades e pela ampliação da participação social.

METODOLOGIA

Segundo (Gil, 2025, p.5), o que se pretende com a pesquisa qualitativa é compreender como as pessoas interpretam suas experiências e constroem seus mundos. Desse modo, este estudo de abordagem qualitativa, com caráter interventivo e descritivo, pois se constitui em um relato de experiência desenvolvido em uma instituição de ensino da rede pública estadual do município de Chapadinha–MA.

O projeto foi desenvolvido em um período de quatro meses, compreendendo fases de observação do ambiente escolar para melhor planejamento, divulgação e execução. Para aprimorar a organização, dividimos em quatro momentos articulados: definição dos objetivos pedagógicos, com base na Lei nº 10.639/2003 e nos pressupostos da Educação das Relações Étnico-Raciais; preparação do ciclo de debate, com suporte de apresentação em slides; organização da Cartilha Antirracista e materiais de apoio didático; definição das estratégias de interação e participação discente.

A intervenção foi realizada no Centro de Ensino Dr. Paulo Ramos, escola da rede pública estadual que atende estudantes do Ensino Médio no município de Chapadinha–MA. Participaram da intervenção 48 estudantes do 2º ano do Ensino Médio, turno matutino, com idades entre 16 e 17 anos. A execução ocorreu no mês de dezembro, durante o horário regular de aula, para compor o ciclo de debate, foram convidadas duas acadêmicas do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, professoras da Rede Municipal de Ensino, Eliane Gama e Laudienne Santos.

As percepções foram registradas pelas acadêmicas responsáveis, após a realização da atividade, por meio de anotações descritivas elaboradas ao término da intervenção, configurando-

se como registro reflexivo da experiência. Esses elementos foram interpretados e analisados à luz dos pressupostos da Educação Antirracista, especialmente no que se refere à problematização de atitudes discriminatórias, ao reconhecimento da diversidade étnico-racial e à valorização da identidade negra.

A avaliação foi realizada por meio de observação participante, considerando o nível de engajamento dos estudantes. Sendo verificados indicadores como o reconhecimento de injustiças raciais, a reflexão crítica sobre estereótipos e a mobilização de conhecimento histórico. Foram registradas as contribuições nos diálogos orientados, a formulação de questionamentos críticos, relatos de experiências pessoais relacionadas a atitudes discriminatórias e a interação com os materiais didáticos (Cartilha Antirracista e slides). Todos os registros foram organizados em fichas estruturadas e analisados à luz dos pressupostos da Educação Antirracista, destacando a desconstrução de práticas discriminatórias, o reconhecimento da diversidade étnico-racial e a valorização da identidade negra. Por tratar-se de um relato de experiência desenvolvido em contexto escolar, foram respeitados os princípios éticos, garantindo a preservação da identidade dos participantes.

CAMINHOS E EXPERIÊNCIAS NO C.E. DR. PAULO RAMOS

O presente relato de experiência refere-se às vivências de graduandas do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Maranhão, durante a realização de um projeto de intervenção desenvolvido no segundo semestre de 2025, no âmbito da componente curricular Prática Curricular na Dimensão Educacional. A iniciativa consistiu na realização de um ciclo de debate realizado no dia 4 de dezembro, no C. E. Dr. Paulo Ramos, em um horário de aula, no turno matutino, tendo como participantes os alunos do 2º ano.

Inicialmente, para fundamentarmos teoricamente a intervenção, realizamos pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, legislações educacionais e documentos oficiais, com ênfase na Lei nº 10.639/2003, na BNCC e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação

das Relações Étnico-Raciais. No primeiro momento fizemos uma dinâmica de acolhimento com os estudantes, promovendo a integração da turma, criando-se um ambiente de escuta, respeito e diálogo. Em seguida, para a sensibilização, realizou-se o “*Teste do Pescoço*”, que provocou importantes reflexões sobre questões étnico-raciais e desigualdades.

No ciclo de debates, com utilização de slides, foram apresentados aos estudantes os seguintes temas: o que é racismo; tipos de racismo; por que combater o racismo; dicionário de termos antirracistas; biografias de personalidades históricas negras; recomendações de livros, filmes e documentários; além de aspectos relacionados à legislação e aos direitos. Discutimos os conceitos de racismo e suas tipologias, a valorização da identidade negra, personalidades afro-brasileiras e a indicação de materiais complementares para aprofundamento.

Inspirado no pensamento freireano dos círculos de cultura, organizamos um ambiente de diálogo, escuta ativa e construção coletiva do conhecimento; rompendo com o ensino tradicional, baseadas na mera transmissão de conteúdos. Durante toda a exposição do tema foi proporcionado aos alunos espaço para questionamentos e comentários, ocorrendo expressiva participação e compartilhamento de experiências pessoais relacionadas ao racismo recreativo, destacando os impactos dessa prática em suas relações interpessoais. Os relatos evidenciam o que destaca Moreira (2019):

Classificamos o racismo recreativo como uma manifestação de discurso de ódio exatamente em função desses motivos aqui descritos. Ele é um tipo de política cultural que procura arruinar a reputação social de minorias raciais, o que é a base para que elas possam ser vistas como pessoas socialmente competentes. Embora apareça na forma de humor, o racismo recreativo reproduz estereótipos que são responsáveis pela circulação de ideias que afirmam a noção de que minorias raciais não são pessoas que merecem o mesmo respeito dirigido a pessoas brancas (Moreira, 2019, p.107).

A abordagem favoreceu a articulação entre passado e presente, aspecto central na constituição da consciência histórica, conforme discutido por (Rüsen, 2015, p. 250), ao possibilitar que os sujeitos interpretem o tempo histórico como orientação para a vida prática. Muitas eram as

inquietações dos alunos relacionadas à persistência do racismo estrutural, às desigualdades sociais, às formas contemporâneas de discriminação. Eles revelaram vivências pessoais e coletivas, demonstrando que o tema atravessa o cotidiano social e também escolar. A condução do ciclo de debate incluiu recursos e materiais didáticos, que proporcionaram o engajamento, como a distribuição de itens temáticos relacionados à proposta, contribuindo para o envolvimento dos estudantes e favorecendo a internalização dos conteúdos trabalhados.

A Cartilha Antirracista foi utilizada como ferramenta metodológica, servindo de apoio teórico e prático para a condução das discussões, permitindo que cada tópico fosse explicado de maneira organizada e acessível; foi uma estratégia pedagógica relevante, pois sistematizou os principais conceitos trabalhados e possibilitou a continuidade das reflexões para além do momento expositivo. O material funcionou como instrumento mediador, ampliando o alcance da intervenção, contribuindo para a consolidação de significados construídos coletivamente. Ademais, atuou como elo entre a instituição de ensino e os familiares, favorecendo a ampliação do debate para além do ambiente escolar e o reconhecimento da cultura africana como elemento constitutivo da identidade brasileira.

Figura 2: Cartilha Antirracista



Fonte das autoras.

Observou-se que os participantes demonstraram engajamento com os conteúdos, levantando reflexões sobre a importância da educação antirracista. As atividades permitiram maior reflexão sobre situações vivenciadas e desenvolveram maior consciência sobre questões raciais, ao compartilharem testemunhos sobre atos racistas. Entretanto, a experiência também evidenciou limites. Para futuros projetos, pretende-se replicar essa experiência, incorporando novas estratégias para aumentar a participação e maximizar o impacto nas comunidades escolares; além disso, o tempo disponível para aprofundamento das discussões foi reduzido, o que restringiu o número de participantes.

Percebeu-se que parte dos estudantes demonstrava conhecimento superficial sobre a legislação, a história e a cultura afro-brasileira, o que indica lacunas na implementação sistemática da Lei nº 10.639/2003 no currículo escolar. Esses aspectos revelam que ações pontuais, embora relevantes, não substituem a necessidade de políticas pedagógicas permanentes e articuladas.

Figura 3: Registros da intervenção.



Fonte das autoras.

A intervenção contribuiu para a sensibilização dos participantes quanto à importância da educação antirracista e para o reconhecimento da pluralidade da sociedade brasileira. Ao deslocar o enfoque de uma história única dominante para uma perspectiva mais inclusiva e crítica, a intervenção reforça o papel da escola como espaço de produção de memória coletiva, de construção de identidades e de enfrentamento às desigualdades étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de intervenção promoveu debates e reflexões sobre a relevância da História e Cultura Afro-Brasileira para a criação de uma educação voltada ao enfrentamento do racismo. As atividades desenvolvidas permitiram observar como a escola pode atuar na redução de preconceitos e na valorização das identidades, funcionando como instrumento formativo para reflexão crítica e o reconhecimento das múltiplas matrizes que compõem a sociedade brasileira.

A análise das interações indicou engajamento e participação ativa, evidenciados pelo compartilhamento de experiências, pela formulação de questionamentos e pela participação de diálogos. Esses registros fornecem informações sobre o nível de compreensão dos estudantes acerca de questões raciais, sobre a mobilização de conhecimentos históricos na problematização de estereótipos e preconceitos.

Os resultados apontaram envolvimento dos participantes, destacando-se o compartilhamento de experiências como ponto de maior relevância durante a aplicação do projeto de intervenção. Os debates estimularam a sensibilização dos estudantes em relação à educação antirracista no ambiente escolar. Apesar dos avanços observados, evidenciaram desafios, como tempo limitado e número reduzido de participantes. Em síntese, o relato demonstra que intervenções de caráter participativo e reflexivo podem favorecer o exame crítico de atos racistas e a valorização da diversidade étnico-racial no ambiente escolar, mas reforça a necessidade de continuidade e sistematização de políticas educacionais antirracistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019, p. 32-33.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Pesquisa qualitativa básica**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2025.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SANTOS, Renilda de Oliveira Santos. **Encantaria em sala de aula**: Ensino das religiões afro-brasileiras e construção da consciência histórica através de seções didáticas no site do Museu Afrodigital do Maranhão, São Luís: UEMA, 2018.